

# Iniciação Científica e formação de jovens pesquisadores

*Flávia Obino Corrêa Werle\**

---

## Resumo

Este artigo parte da consideração das funções sociais dos sistemas educativos e da noção de formação analisando a constituição das atividades de iniciação científica. Argumenta que o desenvolvimento de auxiliares de pesquisa propõe objetivos não divergentes dos característicos das atividades de ensino. A vinculação de acadêmicos a projetos de pesquisa enriquece a sua vivência universitária para o que contribui não apenas o domínio de conteúdos diretamente relacionados ao projeto de investigação, mas o desenvolvimento de capacidades de analisar, interpretar, trabalhar disciplinadamente habilidades relevantes no mundo social como um todo. Caracteriza a face de ensino das atividades de pesquisa pela análise de exemplos da área educacional.

**Palavras-chave:** integração entre ensino e pesquisa, pesquisa na universidade, ensino e universidade.

## Abstract

This article considers the social function of educational systems and the concept of academic formation in order to analyze the constitution of scientific initiation activities. The article argues that the purposes of the development of research assistants don't diverge from the objectives of the teaching activity. The connection of students to research projects enriches their academic experience, not only due to the possibility of acquiring a deeper awareness about the subject that is directly linked to the investigation project, but also due to the development of analyzing and interpreting abilities, besides the capacity of working and understanding subjects that are relevant in the social world as a whole. The article characterizes the teaching dimension of the research activities, by analyzing examples related to the educational area.

**Key-words:** integration between teaching and research, research in the university, teaching and university.

---

\* Professora do Centro de Ciências Humanas – C1 – Unisinos  
E-mail: flaviaw@poa.unisinos.tche.br

*Neste trabalho analiso o processo de formação de auxiliares de pesquisa defendendo a tese de que a ação do pesquisador na orientação de sua equipe de auxiliares de pesquisa pode ser uma atividade formativa como a de ensino em sala de aula. A iniciação científica sob determinadas condições pode desafiar, desacomodar e contribuir para o amadurecimento do acadêmico para além do rol de disciplinas em que se matricula. A argumentação reflete sobre o trabalho desenvolvido por auxiliares de pesquisa e a sua vinculação a um projeto integrado interinstitucional ou a projetos de pesquisa individuais.*

### **As funções dos sistemas educacionais e o debate: ensino versus pesquisa.**

A função mais evidente dos sistemas educacionais, atender a demanda de qualificação da força de trabalho – qualificação conteudística – ligada ao sistema ocupacional. O ensino superior, de maneira geral, orienta-se para ela como balizadora das atividades de graduação. Há, entretanto, outras importantes funções a que os sistemas educacionais atendem (Offe, 1990), ao prover comportamentos sociais – "virtudes gerais ligadas ao trabalho e lealdades institucionais"(Offe, 1990, p. 32) e disposições de comportamento que correspondam aos interesses do sistema ocupacional, legitimidade democrática e substituição de outras agências sociais. Essas outras funções permanecem como que encobertas pela hegemonia da qualificação conteudística.

O mundo acadêmico, ao referenciar-se pelo sistema ocupacional e buscar a qualificação da força de trabalho com capacitação específica, tende a segmentar a função de ensino e a de pesquisa, dissociando-as e colocando-as em pólos divergentes. A atividade de pesquisa na universidade é vista, muitas vezes, como oposta à de ensino, frente ao que a integração sugerida é que o pesquisador exerça a docência na graduação, como alternativa de integração entre ensino e pesquisa, qualificação e melhoria do índice de titulação do corpo docente dos cursos de graduação.

Ribeiro (1986) discute a polêmica relação entre ensino e pesquisa e conclui que, em dependência do contexto histórico, ela pode ser complementar, conflitiva ou concorrente.

No mundo acadêmico, a autoridade intelectual do pesquisador é mensurada pelo número de investigações realizadas, publicações e participação em eventos científicos. A moeda corrente de valorização é a publicação e o reconhecimento pelos pares, quantificado pela frequência com que o pesquisador é citado pelos seus colegas (Folha de São Paulo, 21/5/95 e 11/6/95; Durham, 1990, p.61). Entretanto, muitos são os

"produtos" das pesquisas. Um dos elementos mais desprivilegiados a ela vinculado é a formação de auxiliares de pesquisa. Este trabalho destaca o papel complementar do ensino e da pesquisa ao discutir o envolvimento de alunos de graduação em projetos de investigação.

A pesquisa, ao produzir conhecimento em determinada área, fomenta o desenvolvimento de habilidades gerais, atitudes e hábitos de pensamento, elemento formativo importante que direciona para além do objeto de estudo específico da pesquisa a que o acadêmico auxiliar de pesquisa está vinculado. A pesquisa provê conhecimentos e hábitos necessários tanto à socialização no mundo da pesquisa como meios necessários à existência material e inserção no mundo ocupacional.

A noção de formação é polissêmica, afirma Tanguy (1986). Sua abrangência vai além de conhecimentos teóricos e práticos específicos, ao envolver uma conjugação de disposições, de saber-fazer, atitudes, hábitos de pensamento e percepções adquiridas simultaneamente com a aprendizagem de técnicas e métodos relacionados a atividades específicas.

A atividade de pesquisa é exigente, implicando disciplina intelectual e concentração em atividades como: leitura, redação, observação, busca de informações e de sistematizações progressivas, comparações e análise. Pesquisar envolve aprendizagens tais como ser persistente, rigoroso, original, claro, organizado, saber expressar opiniões próprias e elaborar abstrações a partir de regularidades e discrepâncias de fatos e dados coletados.

Participar como membro de um projeto de pesquisa interinstitucional com professores e acadêmicos de várias universidades e áreas de formação leva a aprendizagens de maior amplitude do que as de sala de aula.

Nessa perspectiva, participar de uma equipe de pesquisa envolve a formação de competências específicas tendo em vista o objeto de investigação pela colaboração na coleta e discussão de dados empíricos, busca de subsídios teóricos, e processos de interpretação e análise, bem como a formação de atitudes de pensamento, representações, qualidades sociais que são generalizadamente utilizadas na produção científica e no sistema ocupacional. Nessa dimensão não se sustenta a segmentação de pesquisa e ensino como atividades que fomentam competências diversas.

### **Dimensionando a face de ensino do processo de pesquisa.**

O projeto integrado "Urbanidade e Cidadania: processos de formação e instauração de saberes" articula pesquisadores e acadêmicos de três instituições de ensino superior e diferentes áreas de conhecimento. A participação de acadêmicos nesse projeto amplia as possibilidades de

socialização envolvendo a troca de experiências e conhecimentos com auxiliares de pesquisa dos subprojetos que o compõem. São acadêmicos que trazem outra vivência institucional e com os quais há uma proposta a construir a partir de campos temáticos diversificados. Várias são as atividades envolvidas nos subprojetos: revisão de literatura, participação em seminários, localização de documentação primária.

Para a realização da tarefa de coleta de dados em arquivos públicos e museus subprojeto que tematiza a instrução pública foi criada uma ficha padronizada que é preenchida pelo bolsista. Inicialmente, o pesquisador identifica a documentação relevante para o estudo. Essa tarefa, à primeira vista, pode parecer simples e mecânica. Alguns itens da ficha exigem que o bolsista identifique quais são os elementos do documento e em seguida os classifique e registre adequadamente. Sua tarefa, portanto, não é a de copiar, mas resumir com atenção e reflexão, dando um pré-ordenamento aos elementos do documento original.

A forma e a linguagem usada hoje na comunicação entre as instâncias de ação educativa do Estado – federal, estadual e municipal – divergem da encontrada nos materiais manuseados, em especial os do início do período republicano. Esta tensão entre o tempo do documento e o tempo da pesquisa, entre os conceitos contemporâneos do pesquisador e auxiliares e os dos documentos, traz exigências para o auxiliar de pesquisa. Manejar com questões de forma, conteúdo e corte histórico leva a aprendizagens importantes para toda a equipe de pesquisa.

Dos auxiliares de pesquisa é exigido análise, síntese e capacidade interpretativa. Ele se vê frente à necessidade de entender a mensagem ou o conteúdo do documento e colocá-los em linguagem usual, mas sem distorcê-los. Ele se vê na contradição de redigir nos anos noventa, com base em documentos que o antecederam cem anos ou mais.

O desafio de construir um banco de dados informatizado, criar novas redes de relações e de organização das informações já dispostas em fichas de resumo instiga novas aprendizagens. Há que se apropriar da estrutura do software, apreender suas possibilidades e criar estratégias de maximização de material empírico disponível.

As pesquisas que exigem coleta de dados por meio de recursos de gravação envolvem uma tarefa, na maior parte das vezes, considerada como mecânica e maçante: a transcrição de fitas de áudio. Alguns preferem mandar transcrever por profissionais especializados o material gravado, buscando rapidez e precisão. Quando a pesquisa se desenvolve com a colaboração de uma equipe, em geral essa tarefa é realizada por auxiliares

de pesquisa que são acadêmicos vinculados ao projeto, por bolsas de iniciação científica.

As peculiaridades da pesquisa "Conselhos Escolares: uma questão para análise" exigiu a gravação de reuniões com vários participantes (dez, vinte ou até mais pessoas). Eram representantes de pais, alunos, funcionários, professores e a direção de escolas de 1º e 2º graus que discutiam sobre a problemática administrativa, pedagógica, disciplinar e financeira da escola estadual. As discussões, embora coordenadas pelo presidente do Conselho Escolar, apresentavam-se como contextos dinâmicos em que permanentemente ocorria a tomada de turnos conversacionais entre os presentes, com sobreposição de vozes, conversas colaterais, interrupções externas, barulhos ambientais, vozes de diferentes timbres e tonalidades, além de um colorido afetivo dado por entonações de indignação, espanto, agressão ou risos. A transcrição desse material foi tarefa complexa. Foi necessário transformar a fonte oral em fonte escrita, o dado bruto da conversação em um texto passível de análise, para atender aos fins da pesquisa.

A tarefa de transcrição de fitas gravadas foi iniciada pela equipe de auxiliares de pesquisa, não apenas como um passo importante para tornar a interpretação do material empírico possível, mas como uma tarefa com sentido em si.

Ao utilizar as normas de transcrição (Preti & Urbano, 1990) os bolsistas cotejavam, como equipe, o próprio trabalho na busca de um padrão comum de transcrição. A discussão/reflexão sobre o sistema de linguagem utilizado para tornar *texto* as gravações levou o grupo a rever, adaptar, acordar normas e criar símbolos próprios. Por meio das discussões, os bolsistas se davam conta de que a transcrição não é uma simples e linear escrita de palavras ouvidas, como se fosse um ditado. Há processos mentais do transcritor que o levam a reagir em função das falas gravadas das reuniões. Ao transcrever, familiarizavam-se com as vozes pela entonação, forma de expressão e conteúdo da argumentação; formavam como que uma expectativa de resposta para cada um dos falantes da reunião, construindo de cada um, uma imagem. A gravação não trazia o subsídio comunicacional do gesto, do olhar, nem a disposição espacial do grupo ou a forma de interagir dos participantes. Mesmo assim, os transcritores formavam uma imagem mental dos falantes.

Ao cotejarem os textos produzidos pelas transcrições das reuniões gravadas, os auxiliares de pesquisa se deram conta da interferência de sua subjetividade que os fazia "ouvir", diferentemente, entonações enfáticas e

pausas e que, portanto, as sinalizavam de forma diferente no texto produto da transcrição.

Quando o tema da reunião era polêmico, ou algum falante expressava insistentemente uma opinião irritante, o transcritor se envolvia com o seu conteúdo e chegava a fazer uma pausa na tarefa, afastando-se momentaneamente do trabalho, como que fazendo calar o falante que o exasperava pela argumentação empregada.

Os auxiliares de pesquisa, na tarefa de transcrever fitas, também percebiam que o tempo do transcritor não era o tempo do falante. A transcrição lhes possibilitava estar próximos da reunião, mas não interagir ativamente nela, embora sua gravação lhes provocasse reações e reflexões.

O ir e vir na reunião, retornar ao trecho não entendido com clareza infinitas vezes lhes dava, entretanto, um domínio diferente do material empírico. Esse domínio fazia parte da área de poder, do cotidiano dos bolsistas transcritores, mas era inacessível aos próprios participantes das reuniões. Esse poder específico do transcritor sobre a reunião visava à produção de um texto de boa qualidade.

Como a pesquisa também trabalhou com as atas das reuniões, foi possível verificar diferentes níveis de materialização das mesmas: as atas, a gravação, as transcrições, e o nível interpretativo.

Depois de transcrita, procedia-se à revisão da transcrição. O grupo também percebeu a diferença das atividades de transcrever e revisar. O revisor trabalha com um texto, cotejando com ele a audição da fita. Nesse momento, o texto se torna o foco de atenção e o som da gravação o parâmetro de comparação, já não mais tomado como única fonte de acesso ao empírico. Ao contrário, para aquele que está transcrevendo a gravação, a fluidez da conversação oral é uma premência que constrange, atropela e desafia.

Além de transcrever e revisar o material gravado, a investigação envolve diferentes níveis de análise, dentre os quais o referente aos assuntos tratados nas reuniões e a verificação dos autores dos significados, possibilitam entendimentos construídos quanto a esses assuntos na intenção de captar as relações de poder entre os atores.

Nesta fase, a tarefa dos auxiliares de pesquisa era ler as transcrições das reuniões e identificar os assuntos tratados, para depois quantificar o segmento que os dimensionava. Isso se fazia pela contagem de linhas, distinguindo quanto cada segmento (se país, alunos, professores, funcionários ou a direção) intervinha na construção de significados no contexto conversacional de cada reunião.

Na tarefa de identificar assuntos e falantes, a capacidade de análise foi amplamente exigida. Era necessário que o analista fosse capaz de desdobrar o todo de cada reunião em suas partes constitutivas, ou seja, em seus assuntos, distinguindo entre os secundários e os principais. Era necessário ler com atenção, comparar, estabelecer relações entre os argumentos, ter presente os objetivos da pesquisa e o conjunto de reuniões analisadas.

Era preciso discriminar entre o que um dos bolsistas chamou de "assuntos menores" e "assunto gerador". Era necessário um afastamento do diálogo em si e a percepção da temática da reunião como um todo. Por vezes, os falantes traziam exemplos que pareciam ser, à primeira vista, assuntos novos, mas que, na verdade, quando o analista de fato deixava-se mergulhar na discussão como que fazendo parte da mesma, ele compreendia que era um assunto menor (um exemplo, uma explicação, uma explanação ou o desenvolvimento de um argumento já colocado no contexto conversacional, ou o reforço da idéia de um colega).

Esse processo de análise e desdobramento de temas de cada reunião ocorreu, portanto, na tensão frente ao processo de síntese. A capacidade, percepção e condições reflexivas do analista são relevantes. A equipe de bolsistas identificou essa tensão e as exigências da tarefa proposta. As discussões em conjunto esclareciam as dúvidas pessoais para minimizar a insegurança de que estivessem destacando elementos irrelevantes ou inexatos, omitindo elementos importantes ou, ao contrário, tratando de forma ampla, abrangente e pouco minuciosa aquilo que merecesse, pela sua singularidade, explicitar-se para deixar ver a estrutura e a organização das conversações nas reuniões dos Conselhos Escolares.

### **Pesquisando e ensinando: à guisa de conclusão.**

As reflexões aqui apresentadas demonstram que o auxiliar de pesquisa pode se envolver com desafios e aprendizagens novas. Em situações como as descritas, participar de uma pesquisa é vivenciar que o método constrói o objeto de reflexão, que o método não é uma ferramenta, uma estratégia ou procedimento neutro, mas que é uma forma de acesso ao real que passa, não apenas pelas mãos do pesquisador, mas pelas de toda a equipe. Que o processo de pesquisa passa por múltiplos níveis de inteligibilidade e organização da realidade. E que os objetos de estudo se interconectam, seqüenciam, sobrepõem.

Os participantes da pesquisa aprendem a não simplificar as diferentes fases do processo de coleta de dados; que é importante interrogar a sua experiência tornando-a objeto de estudo e reflexão, e que a seriedade da

pesquisa depende da capacidade de pensar e analisar o material empírico e a sua experiência concreta como participante do processo. Por outro lado, há também a aprendizagem da incerteza das significações e da exposição do seu trabalho e interpretação à crítica dos demais da equipe. Possivelmente, experiências de participação em pesquisa propiciem o abandono da utopia de reconstruir fatos fielmente e instalem o desconforto da ruptura entre o real e o interpretativo. Nesta perspectiva, a atividade de auxiliar de pesquisa implica treino e disciplina no trabalho intelectual, e vivência de situações construtivas, significativas e criativas.

Paoli (1993), ao discutir a qualidade do ensino superior, propõe como centrais a dúvida e a crítica. Para ele é fundamental o aluno experienciar que o conteúdo das matérias curriculares

(...) "não é algo acabado e verdadeiro mas provisório, relativo, datado no tempo e no espaço, produto de um trabalho de investigação realizada dentro de determinadas condições, e que a realização de novos estudos podem modificar, ampliar, rever, transformar as explicações sobre o mundo social e natural" (Paoli, 1993, p.27).

A participação em projetos de pesquisa, na condição de auxiliar, pode também contribuir nesta direção. A iniciação científica pode instalar uma outra forma de convivência na universidade, uma forma que é substancialmente diferente da que ocorre em sala de aula. Uma convivência de conhecimento mútuo, de reflexão, cooperação e socialização.

Entretanto, para criar e desenvolver equipes de auxiliares de pesquisa, fazem-se necessários alguns elementos básicos: tempo, espaço e vontade política. É um trabalho de longa duração, exigente em tempo e esforço dos pesquisadores, em espaços e vontade política da universidade e agências de pesquisa.

Embora alguns considerem que a pesquisa científica dentro das universidades é muito mais uma presença física do que intelectual (Coelho, 1988, p. 26 - 27), o envolvimento de acadêmicos pode demonstrar o contrário. As ações de Iniciação Científica podem ser uma contribuição importante para a vida dos jovens, pois elas envolvem múltiplas aprendizagens, incluindo uma visão diferenciada das estruturas da universidade e, principalmente, a percepção de que se pode produzir conhecimento. No depoimento de uma bolsista

"Quantas vezes, nós estudantes paramos para refletir sobre a pesquisa na Universidade? É a atividade de pesquisa que coloca a Universidade no



lugar legítimo de produtora do conhecimento, ao invés de simples reprodutora do mesmo.

(...) O reconhecimento de que falo não passa apenas pelos nossos próprios trabalhos de pesquisa, ainda que eles sejam importantes e necessários. Significa também valorizar o professor que pesquisa, valorizar a relação viva, dinâmica e questionadora que este professor tem com o conhecimento e da qual, como alunos podemos tirar o maior proveito." (Lara, 1994, p.3)

Continua a acadêmica observando que a participação na condição de auxiliar de pesquisa é uma chance para o aluno tornar-se mais responsável pelo seu aprendizado e pela sua formação.

O pesquisador que trabalha com uma equipe de auxiliares de pesquisa seguramente realiza intensa atividade de ensino, acompanhamento e supervisão. Entretanto, os parâmetros de avaliação das ações de ensino constantes nos regimentos das Instituições de Ensino Superior não contemplam esta questão, atendo-se apenas a disciplinas e atividades curriculares.

As avaliações institucionais poderiam incluir as oportunidades que as IES oferecem a seus acadêmicos de participar de Iniciação Científica, seja pela instituição de bolsas e incentivos próprios, seja de sua busca junto a órgãos financiadores. Esta é uma decorrência do incremento da função de pesquisa na universidade e que precisa ser valorizada, acompanhada e avaliada. Se a pesquisa científica se desenvolver no ambiente empresarial, talvez esta possibilidade de formação de futuros pesquisadores via Iniciação Científica se restrinja<sup>1</sup>, ainda mais o que não favorecerá a ampliação do horizonte intelectual dos acadêmicos para além dos limites do currículo a que se vinculam.

Discutir a iniciação científica para além do apoio à pesquisa é maximizar suas possibilidades formativas. Portanto, seria talvez desejável criar indicadores para avaliar as atividades de pesquisa em dimensões que, não excluindo as publicações e participação em eventos científicos, ofereçam o devido espaço e valorização ao esforço de formar equipes de pesquisa.

---

<sup>1</sup> Ribeiro (1986) demonstra como é baixa a participação de alunos de graduação nas atividades de pesquisa circunscritas ao corpo docente e aos pós-graduados. "A iniciação científica, formadora de pesquisadores iniciantes, já representou, nos anos 50, 10% do orçamento alocado pelo CNPq à pesquisa. Hoje, tal percentual situa-se em torno de 1%." (Ribeiro, 1986, p.32).

## Referências bibliográficas

- Base da discórdia (A).** Folha de São Paulo. São Paulo, Cad.5, p. 14, 11/6/1995.
- CNPq, Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico.** Plano Plurianual. CNPq, 1991 - 1995. Brasília, CNPq, 1991. 19p.
- \_\_\_\_\_. **Bolsas no País** - Quota: Iniciação Científica, Aperfeiçoamento. Brasília; CNPq, dez. 1989, 4p.
- COELHO, Edmundo Campos. **A sinecura acadêmica: a ética universitária em questão.** São Paulo: Vértice, 1988.
- COSTA, Maria Célia Pires. **Programa Institucional de Iniciação Científica na Universidade Federal do Maranhão:** uma atividade indutora da pesquisa na universidade. Anais da 43ª reunião anual da SBPC. Rio de Janeiro, SBPC, p. 542, jul. 1991.
- CUNHA, Luis Antonio. **A universidade brasileira nos anos oitenta:** sintomas de regressão institucional. Em Aberto, Brasília, ano 8, n. 43, p. 3 - 9, jul./ set. 1989.
- DIAS, Adriana Correia et al. Transcrição de fitas dentro do Projeto Conselhos Escolares. Estudos Leopoldenses. São Leopoldo, UNISINOS, v. 30, n. 136, p. 31- 38, mar./abr. 1994.
- DIAS, Ana Cristina Garcia e DALBOSCO, Carla. **O Trabalho de Iniciação Científica e o sistema de produção capitalista:** um paralelo entre a atividade de bolsista e o sistema de fábrica. IN: JACQUES, Maria da Graça Correa et al. (org.) **Relações Sociais & Ética. Porto Alegre:** ABRAPSO, Regional Sul, 1995. p. 71 - 86.
- DURHAM, Eunice Ribeiro. **Avaliação e relações com o setor produtivo:** novas tendências no ensino superior europeu. Educação Brasileira. Brasília, CRUB, 12 (24) p. 37 - 64, 1º sem. 1990.
- GEORGEN, Pedro. "Graduiertenkolleg" **O Novo Modelo Alemão para a Formação de Cientistas através da Pesquisa.** Educação Brasileira. Brasília, CRUB, 12(24), p. 65- 73, 1º sem. 1990.
- LISTA dos produtivos (A).** Folha de São Paulo. São Paulo, Cad.5, p. 4- 7, 21/5/1995.
- LISTA mobiliza cientistas.** Folha de São Paulo. São Paulo, Caderno 5, p. 15, 11/6/1995.
- LARA, Luciana. **Reprodução & produção de conhecimento, o papel da pesquisa na Universidade Fala Psico.** São Leopoldo, UNISINOS, (Jornal dos Acadêmicos do Curso de Psicologia da Universidade do Vale do Rio dos Sinos), ano 2, n.2, 1994.

- MORAES, Maria Angélica. "**Iniciação Científica**": uma experiência institucional. Anais da 43ª reunião anual da SBPC. Rio de Janeiro, SBPC, p. 540, jul. 1991.
- MOURA, Eliége Silva. **Relatório das Atividades de Bolsista** CNPq. São Leopoldo, UNISINOS, 1989. 11p. mimeo.
- NASCIMENTO, Osvaldo Vieira do. Escola, **Pesquisa e Indústria**: um salto para o futuro. Educação Brasileira. Brasília, CRUB, ano VI, n. 13, p. 27 - 40, 2º sem. 1984.
- NEVES, Clarissa Eckert Baeta. **Universidade no Campo de Tensões de Diversas Tarefas Sociais**. Anais da 43ª reunião anual da SBPC. Rio de Janeiro, SBPC, p. 471-2, jul. 1991.
- OFFE, Claus. **Sistema educacional, sistema ocupacional e política da educação** - Contribuição à determinação das funções sociais do sistema educacional. Educação & Sociedade. Campinas/SP, n. 35, p. 9 - 59, abr. 1990.
- PAOLI, Niuvenius Junqueira. **O Princípio da indissociabilidade do ensino e da pesquisa**: elementos para uma discussão. Estudos e Debates. Brasília, CRUB, v. 17, p. 29 - 36, jul. 1990.
- \_\_\_\_\_. **O Ensino Noturno na Universidade Pública**. Seminário Nacional sobre o Ensino Noturno: Anais. Curitiba, PR, MEC/UFPR, mar/1993.
- PEREIRA, Karen Rejane. **Dificuldades na Interpretação de Documentos**. II Seminário de Pesquisa e Pós-Graduação e I Feira de Iniciação Científica. São Leopoldo, UNISINOS/ PRPPG, 1994, p.6.
- PRETI, Dino & CASTILHO, Ataliba Teixeira de (org). **A Linguagem falada culta na cidade de São Paulo**. São Paulo: T.A.Queiroz/ FAPESP, 1986.
- REIS, Renato Hilário dos. **A Conceituação da Universidade**. Educação Brasileira. Brasília, CRUB, ano VI, n. 12, p. 43- 54, 1º Sem. 1984.
- RIBEIRO, Sérgio Costa. A "**Universidade de Ensino**". Estudos e Debates. Brasília, CRUB, v. 13, p. 147 - 152 jan. 1987.
- \_\_\_\_\_. **Ensino e ou Pesquisa**: a teoria na prática é outra. Ciência Hoje. SBPC, v.4, n.22, p. 25 - 33, jan./fev. 1986.
- RIO GRANDE DO SUL, Secretaria de Educação e Cultura, Departamento de Assuntos Universitários. Projeto Acadêmicos em Atividades Relacionadas com o 1º Grau. (Relatório II). Porto Alegre, SEC, nov. 1986. 74 p.
- ROSSINI, Rosa Ester. **Mudança de vento**: do "balcão" para a universidade, o programa interinstitucional de bolsas de Iniciação Científica. Anais da 43ª reunião anual da SBPC. Rio de Janeiro, SBPC, p. 541, jul. 1991.

SILVEIRA, Diva Lopes da. **Iniciação Científica na Graduação**: Proposta integrada da UFRJ. Anais da 43ª reunião anual da SBPC. Rio de Janeiro, SBPC, p. 543 - 5, jul. 1991.

TANGUY, Lucie. **L'introuvable relation formation/emploi**: un état des recherches en France. Paris: Documentation française, 1986.

UNISINOS, **Centro de Educação e Humanismo, Departamento de educação. Projeto**: Alfabetização, um desafio para a escola de 1º grau. (Relatório: Atividades de Substituição realizadas por alunos em Escolas Municipais de São Leopoldo). São Leopoldo, UNISINOS, v. III, dez. 1984. 41 p.

WERLE, Flávia Obino Corrêa. **Enriquecimento do ensino de graduação pelo engajamento de acadêmicos em atividades de extensão e pesquisa**. Trabalho apresentado no Congresso Internacional de Universidades - 1992. Madri/Espanha, Universidade Complutense, jul. 1992. mimeo.

\_\_\_\_\_. **Programa Permanente de Desenvolvimento de Auxiliares de Pesquisa**. São Leopoldo, UNISINOS, abril 1993. mimeo. 11p.